

Secretaria acha que criança estudar oito anos é ficção legal

A obrigatoriedade de o município dar oito anos de escolaridade às crianças "não passa de uma fantasia, uma quixotada, mais uma ficção da lei brasileira", na opinião da Secretaria municipal de Educação, Maria Yedda Linhares. Ela lembra que a criança brasileira fica, em média, um ano e meio no colégio, apesar de a lei determinar oito.

Ela expôs este seu ponto-de-vista ao Ministro de Educação, Marco Maciel, esta semana e defendeu o estabelecimento de quatro ou cinco anos de escolaridade por conta dos municípios. "Nas atuais circunstâncias", disse ela, "deveríamos nos preocupar em dar um curso primário de qualidade e para todos, pois a verdade é que, de cada 100 crianças que entram para a escola pública aqui no Rio, só 13 terminam o ginásio em oito anos.

Gasto

Maria Yedda Linhares participou, na última terça-feira, do encontro do Ministro de Educação com os Secretários de Educação dos municípios. Na ocasião, ela pregou a descentralização do 1º grau, estabelecida pela 5693/71, mas só cumprida por um município do país: o Rio de Janeiro, que este ano reservou para a educação 42% do orçamento municipal.

— Mesmo assim — comentou a professora — não temos condições de oferecer oito anos de escola para todas as crianças dos sete aos 14 anos e acho que seria mais prático discutirmos a obrigatoriedade escolar compatível com a realidade de um país pobre, com um grande índice de migração.

Ela defende o restabelecimento do antigo curso primário, cuja responsabilidade caberia aos municípios, ficando o ginásio e o 2º grau por conta do Estado. O que encarece o ensino municipal, diz ela, são as séries do ginásio, devido aos laboratórios, salas especiais e máquinas necessários a cada um destes colégios.

A Secretaria exemplificou os gastos com material para ginásio contando que, como as escolas têm muitas máquinas de escrever quebradas, ela pensou em "pegar uma carona" no Departamento de Manutenção do Banerj, mas desistiu ao saber que o serviço conserta as máquinas de 80 agências, enquanto que, das 840 escolas do município, pelo menos umas 500 têm as máquinas utilizadas em aulas para o ginásio quebradas.

Pés no chão

Para a Secretaria municipal de Educação, é preciso que "se coloquem os pés no chão", ou seja, direcionar os recursos municipais da educação para o ensino primário, "que não é bom porque metade das crianças é expulsa do sistema na passagem da primeira para a segunda série".

— Não é retrocesso estabelecer-se a obrigatoriedade escolar universal em quatro ou cinco anos — comenta Maria Yedda Linhares. "O escândalo é manter-se esses oito anos de ficção, que nenhum município dá ou tem condições de dar".

No seu entender, as prioridades deveriam ser: ensino para crianças até 10 anos, reformulação do curso de formação de professores e a reformulação ou fim — o que seria decidido em debates — do profissionalizante. Com a obrigação de manter apenas o primário, o município poderia, segundo ela, resolver os maiores problemas do 1º grau, que são a existência de três ou até mais turnos, a repetência, a evasão e a falta de vagas para crianças na faixa escolar.

Municipalização

Quanto à municipalização do 1º grau, estabelecida em lei mas só cumprida pelo Rio de Janeiro, Maria Yedda Linhares acredita poder oferecer subsídios aos outros municípios. Ela defende, como "pedra de toque" à reformulação e à ampliação da rede, a participação dos diversos segmentos da sociedade civil na gestão da escola.

— Aqui no Rio — lembra a Secretaria — nós temos os conselhos escola-comunidade e uma tentativa de encaminhar, dentro da própria escola, a escolha de seus diretores, que não mais são nomeados arbitrariamente.

Dentro desse novo processo de escolha de diretores, a professora Maria Yedda Linhares recebe, todas as sextas-feiras, candidatas ao cargo para uma conversa informal sobre a escola, o ensino e o papel dos professores.

A uma delas, Maria Yedda perguntou a razão de querer ocupar o cargo. Humilde, a professora respondeu: "Porque vivemos como uma família na escola e o ensino lá é muito bom". Respondeu-lhe a Secretaria: "Se você vier a ocupar o cargo, trabalhe sempre pensando que o ensino da escola é muito ruim, tanto que reprova 50% das crianças, e o que você precisa fazer é melhorá-lo".